

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

ENCONTROS E DESENCONTROS NO PROCESSO RECENTE DE OCUPAÇÃO DA
FRONTEIRA NO SUL DO MARANHÃO

Rutileia Lima Almeida (IESA-UFG)

Encontros e Desencontros no Processo Recente de Ocupação da Fronteira no Sul do Maranhão

É na produção que se cria riqueza, a partir da combinação social de formas de trabalho humano, de diferentes qualificações. Mas é a esfera financeira que comanda, cada vez mais, a repartição, a destinação social dessa riqueza.
François Chesnais

Resumo

Este trabalho pretende lançar um olhar mais atencioso no processo recente de ocupação da Mesorregião Sul do Maranhão que é marcado fundamentalmente pela introdução de uma nova dinâmica regional. Esta dinâmica é movida pelo agronegócio. O desenvolvimento recente da agricultura no Sul do Maranhão é caracterizado pela introdução de novas técnicas que singularizam a constituição de novas territorialidades na região. A presença do sulista torna-se um elemento marcante a partir de meados da década de 1970. Este fato é revelador de encontros e (des) encontros na região. O estudo desta nova dinâmica torna-se essencial para o entendimento regional que move o Sul do Maranhão onde a região passa a ser caracterizada por uma nova configuração fundamentada no agronegócio assim como pelos conflitos ocasionados pela diáspora dos sulistas e pelo contato direto destes com os habitantes da região (nordestinos), num processo que se caracteriza e manifesta num hibridismo cultural.

Considerações Iniciais

Este trabalho tem como pretensão elaborar um debate frente ao processo de modernização da agricultura e diante disso analisar a dinâmica agrária e as suas relações com a cultura da microrregião Gerais de Balsas no Estado do Maranhão frente às transformações promovidas pelo processo de introdução do meio técnico-científico e informacional na ampliação das fronteiras agrícolas.

Discutir as novas inserções sócio-culturais no município de Balsas e em sua microrregião, diante da modernização da agricultura e da diáspora sulista é fundamental para compreendermos a dinâmica agrária, regional e cultural do Centro-Sul do Maranhão.

Toda essa dinâmica recente e “nova” da região iniciou-se a partir da década de 1980 com

a presença significativa, do “gaúcho”, fato que se revelou no processo de mudanças orientadas pelo desenvolvimento da produção agrícola “moderna”.

O que promoveu uma nova realidade agrária, regional e cultural no Sul do Estado do Maranhão. Implica-se em dizer que se estabeleceu na região uma nova dinâmica agrária, provocando importantes mudanças na ordem espacial. Em face deste novo elemento, o migrante sulista, a discussão passa por um debate econômico, cultural acerca dos hábitos e costumes dos novos atores que compõe a região em discussão. Trata-se do encontro de duas culturas distintas que vão se fazer presentes na região já que o migrante sulista faz questão de manter sua identidade regional. Neste caso é pertinente lembrar que identidade regional é “uma forma particular de identidade social, vinculada à origem territorial e, portanto, de base espacial” (Penna, 1994, p.35).

A Ocupação Recente No Centro Sul do Maranhão: Conhecendo os Consensos e Desvendando os Conflitos

A ocupação recente no Centro-Sul do Maranhão e mais especificamente na Microrregião Gerais de Balsas, situada na Mesorregião Sul Maranhense - o Estado do Maranhão foi dividido pelo IBGE, em 05 Mesorregiões. A Mesorregião Sul Maranhense é compreendida por 03 Microrregiões: Porto Franco, Chapada das Mangabeiras e Gerais Balsas onde esta última inclui os municípios de Balsas, Alto Parnaíba, Tasso Fragoso, Riachão e Feira Nova. (IBGE, 1991) - revela a presença de migrantes sulistas e estes têm presença marcante, a partir da década de 80 ainda que sua chegada ao Sul do Maranhão date de meados de 1974. O mapa que segue ilustra a localização geográfica de Balsas no contexto da sua Mesorregião.

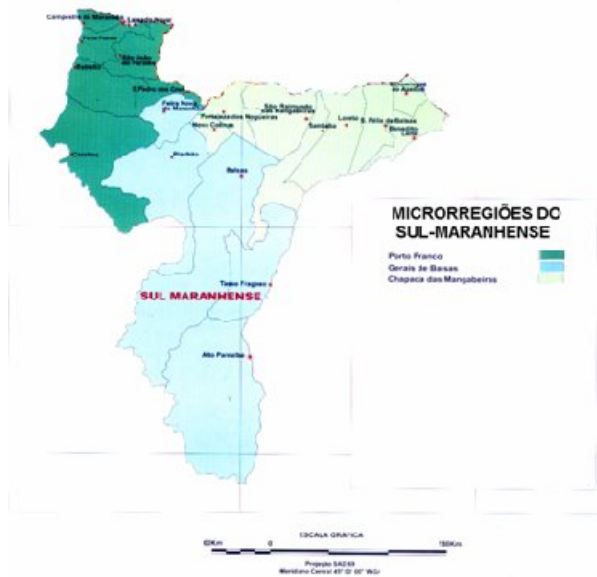


Figura 01: Mesorregião Sul Maranhense com destaque para suas microrregiões.

Fonte: (ATLAS, UEMA: GEPLAN, 2000).

Sendo assim, a ocupação espacial feita por estes novos atores e conseqüentemente novos elementos traz mudanças significativas para o centro sul do Maranhão. Como revela (Coelho, 1979, p.148):

Gente de outras regiões brasileiras tornaram Balsas sua nova terra e no solo da mesma se enraízam, construindo o presente e o futuro. São agora mineiros, paulistas, paranaenses e gaúchos descendentes de europeus. Os últimos mais numerosos, mais de 200 novos proprietários labutam a famosos na sua grande transformação econômica e na produção de alimentos.

A presença do sulista nas últimas décadas no sul do Maranhão é promovida por vários elementos que favorecem essa presença como os estímulos do governo. A expansão da fronteira agrícola representa um crescimento através da incorporação de novos espaços ao sistema nacional. A implantação de grandes rodovias como a Belém Brasília apóia a penetração para o norte e especificamente no caso do sul do Maranhão os sulistas foram atraídos pelos baixos preços da terra e a facilidade para adquiri-las.

Neste sentido os sulistas encontraram condições apropriadas para expandir as fronteiras agrícolas, essas condições são observadas no processo de aquisição das terras no Centro-sul do Maranhão. Como ressalta (Ferraz, 2000, p. 70):

Entre tantos fatores de incentivos à grilagem, registram-se a manipulação dos incentivos fiscais e das redes oficiais e particulares de crédito rural. Atentados para tais mecanismos, os goianos do sul, os mineiros, os fazendeiros paulistas e os “gaúchos” do Rio Grande do Sul e do Paraná, seguiram para o norte.

Sendo assim, esses “gaúchos” que se constituem em maioria na recente ocupação do sul do Maranhão, chegam à procura de novas oportunidades, de novos espaços, de novas fronteiras para expandir suas atividades econômicas.

Eles não tardam em deslizar a fronteira, da soja um pouco mais para o interior. É nesse processo migratório que os “gaúchos” se instalam no sul do Maranhão trazendo em suas bagagens vontade enriquecer e se tornarem grandes exportadores de alimentos. Segundo (Bernardes, 2002, p. 331):

A terra barata nos anos 70 havia facilitado os investimentos, os incentivos concedidos pela SUDAM, as linhas especiais de crédito criadas pelo governo para estimular a ocupação dos grandes espaços vazios na área de fronteira agrícola.

Todos esses incentivos atraíram migrantes sulistas para áreas do nordeste “impulsionados pelo mito eldorado da soja” (Haesbaert, 2002, p. 382).

Foi neste contexto que ocorreu a ocupação do sul do estado do Maranhão, caracterizada como receptora de uma significativa parcela de migrantes sulistas, aonde o fato da chegada do sulista está associado à viabilidade do agronegócio na região, a ocupação materializa-se como fato econômico já que a gestão do agronegócio é promovida por estes atores que trazem novos arranjos ao Sul do Maranhão ocasionando em algumas situações conflitos de ordem social e até cultural.

Desvendando os conflitos agrários no Centro-Sul do Maranhão

No Brasil, são frequentes as lutas sociais no campo, os massacres e a grilagem são comuns no espaço rural devido ao desenvolvimento do capitalismo no meio rural. Ocorre um processo de territorialização do capital no campo, fruto de relações de poder, sob forma de dominação e de apropriação do espaço pelo capital. Para (Oliveira, 1989, p. 15) “conflitos sociais no campo, no Brasil, não são exclusividade de nossos tempos. São isto sim, uma das marcas do

desenvolvimento e do processo de ocupação do campo no país”.

No Maranhão vários conflitos têm se acentuado no período que vai de 1974 aos dias atuais. O Maranhão e os circunvizinhos passam a “representar a região mais sangrenta do país” (Oliveira, 1989, p. 34). Os conflitos com o passar do tempo se agravaram, e este Estado se destacou nas estatísticas dos anos de 1980 como um dos com maior ocorrência de conflitos pela terra.

Com a tentativa do governo de promover a interiorização através da colonização, emergem mais conflitos sociais no campo, é um novo motivo para a disseminação das tensões no campo. “A colonização assumida pelo governo como ‘válvula de escape’ para a tensão social” (Ferraz, 2000, p. 35).

Essa colonização promovida pelo Estado é uma forma de grilagem e expropriação de terras, pois esses migrantes quando chegaram expulsavam os posseiros para instalarem grandes propriedades produtoras. O que podemos afirmar que estamos diante de um amplo “processo de expropriação dos lavradores levado pelas grandes empresas capitalistas. Apoiadas particularmente nos incentivos fiscais, começam a vislumbrar grandes negócios na propriedade da terra”. (Martins 1991, p. 46-47).

Foi motivado por estes incentivos que os “sulistas” resolveram migrar em direção ao sul do Maranhão. Com a implantação do pólo produtor de soja pelos “gaúchos” e com ajuda do estado emergiram conflitos sociais em função da grilagem. Para (Ferraz, 1998, p. 70):

A construção da Belém Brasília alia-se aos fatores da grilagem. A propaganda governamental insinuava que todos sairiam ganhando. A rodovia, entretanto, trouxe as controvérsias do capitalismo, na versão mais modernizada, faminta por lucros. Levou para a região seus agentes ávidos de riquezas, promovidos de incentivos e acobertados pelos planos desenvolvimentistas mais o discurso ideológico do governo integralizador.

Sendo assim, o que tem acontecido em Balsas, é uma atuação direta do poder público, por meio de projetos de desenvolvimento. Subsidiados pelo governo os novos atores que compõe o sul do Maranhão é que estavam seduzidos pela imensidão de terras e a facilidade em adquiri-las.

Estes novos elementos que se encontram no sul do Maranhão promovem ciclos onde o primeiro foi a grilagem seguida de conflitos.

Os pequenos proprietários não resistem à instalação das grandes empresas rurais e saem

do campo em direção à zona urbana. O sojicultor “gaúcho” promove uma grande concentração de terras no sul do Maranhão e, por conseqüência, a redução exorbitante de pequenas propriedades. Observando o quadro a seguir, nota-se mudanças na estrutura fundiária de Balsas-MA, entre os anos de 1970 e 1995.

Classe	Muito pequena	Pequena	Médias	Grandes	Muito Grandes	Total
ha/anos	<10-anos	10-100	100-1.000	1.000-10.000 anos	10.000	100.000
Número de estabelecimentos						
1970	931	497	567	156	3	2.154
1985	1.518	147	401	115	3	2.187 *
1995	327	481	655	59	2	1.524 **
Área em hectares						
1970	3.164	15.648	177.203	365.211	38.073	599.298 **
1985	2.753	6.1355	133.884	376.418	43.992	463.188 **
1995	825	19.493	176.722	115.397	38.000	350.438 **
Área média em hectares						
1970	3	31	312	2.341	12.691	
1985	2	42	334	2.404	14.664	
1995	2	40	270	1.956	19.000	

* Estabelecimentos sem declaração de área em 1985 e 1995; ** inclusive terras inaproveitáveis.

Quadro 01: Mudanças na estrutura fundiária no município de Balsas (MA) entre 1970 e 1995.

Fonte: Censos Agropecuários de 1970, 1985 e 1995.

Diante dos dados expostos verificamos que o pequeno produtor familiar, não podendo competir com a agricultura comercial, ficou à margem dos grandes produtores de soja, em virtude da expropriação de terras.

A Dinâmica Recente de Balsas(MA): Modernização Agrícola e Formação de Identidades Territoriais

O mundo atual é marcado por profundas transformações. O processo de globalização da economia dá uma nova dinâmica, aos processos de produção, promovendo mudanças marcantes na ordem espacial. Sendo assim, existe a necessidade de uma rapidez no processo de reprodução

do capital, com isso o campo começa a sofrer uma série de alterações, processo conhecido como modernização da agricultura, onde a técnica e a ciência vão marcar profundamente a origem de um novo modelo econômico no campo.

Pretende-se fornecer algumas contribuições sobre o processo de modernização da agricultura na microrregião Gerais de Balsas e fazer uma leitura das novas configurações que se materializam no espaço geográfico da região e na dinâmica cultural da microrregião supracitada com a chegada dos “gaúchos” que promovem a modernização e formam novas identidades territoriais.

A modernização da agricultura na microrregião de Balsas – MA

A agricultura brasileira passa por um processo de intensa utilização de novas técnicas e pelo processo de desenvolvimento do capitalismo monopolista no campo inserindo, em alguns espaços agrários, uma verdadeira revolução tecnológica e conseqüentemente notáveis ganhos de rendimento e produtividade.

Características marcantes desse novo modelo de produção do campo revelam intensas inovações no setor. Conforme Santos (2002, p. 112), essas mudanças técnicas e organizacionais que afetam a agricultura.

Concorrem para criar um novo uso do tempo e um novo uso da terra. O aproveitamento de momentos vagos no calendário agrícola ou o encurtamento dos ciclos vegetais, a velocidade da circulação de produtos e de informações, a disponibilidade de crédito e a preeminência dada à exportação constituem, certamente, dados que vão permitir reinventar a natureza, modificando solos, criando sementes e até buscando, embora pontualmente, impor leis ao clima. Eis o novo uso agrícola do território no período técnico-científico informacional.

Dentro deste processo de modernização da agricultura, o cultivo da soja se destaca como símbolo de uma agricultura globalizada e emergem no país programas que promovem o desenvolvimento da agricultura. Assim nos destaca (Oliveira, 2001 p. 469):

As exportações de soja foram incentivadas pelos governos militares pós-64 com a finalidade de ampliar o comércio internacional do Brasil com a Comunidade Econômica Européia e com o Japão. Toda a expansão da cultura da soja na região do cerrado brasileiro está relacionada com os incentivos oriundos do PRODECER (Programa Nipo-Brasileiro de Cooperação para o

Desenvolvimento do Cerrado), assinado em 1974 entre o governo brasileiro e o japonês.

Diante deste contexto, as áreas do cerrado brasileiro incluindo o sul do Maranhão passaram a receber incentivos econômicos para uma reestruturação do campo. Com isso uma nova fronteira agrícola se expande com influência significativa da chegada do “sulista”.

A partir da década de 1980, este novo fenômeno da economia agrária chega ao sul do Maranhão. Os “gaúchos” que chegaram ao sul do Maranhão atraídos por baixos preços de terras e até mesmo pela topografia plana da região promoveram mudanças substanciais no espaço agrário desta região esses novos atores foram pioneiros na instalação da agricultura mecanizada e conseqüente acréscimo da produção da região.

O cultivo da soja na microrregião de Balsas contou com vários incentivos para sua execução. Podemos mencionar a introdução da tecnologia no campo, a partir de meados dos anos de 1970 que foi acompanhada ao mesmo tempo de financiamentos por instituições bancárias como Banco do Brasil, Bando do Nordeste e mais recentemente pelas multinacionais já presentes na cidade de Balsas como a Cargil, Bunge, Multigrain, responsáveis pela maioria dos incentivos à produção da soja.

Um fator que vale ressaltar é que todos os inventivos e expressividade da agricultura Balsense vislumbram a monocultura da soja, sobressaindo-se sobre as culturas tradicionais.

Observa-se a partir dos gráficos a seguir que as áreas mecanizadas prioritariamente são destinadas ao plantio de soja:

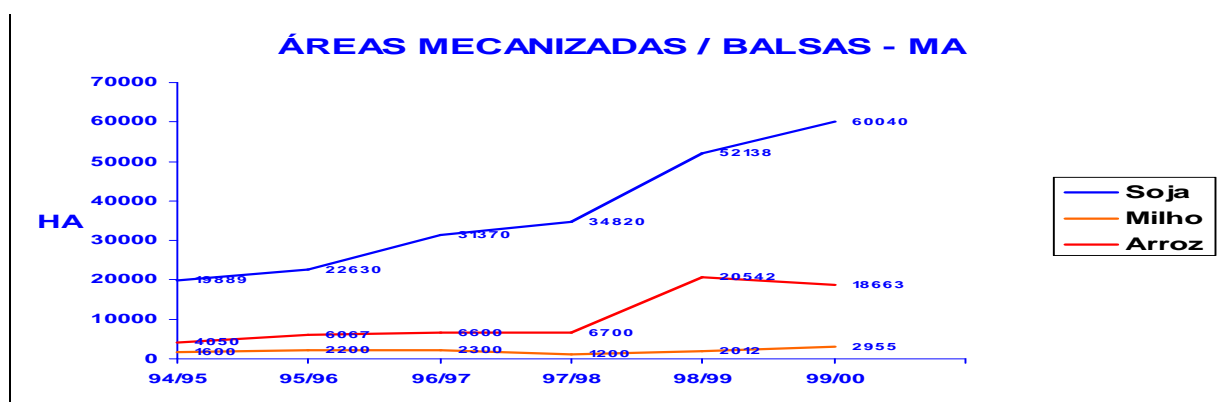


Gráfico 01: Áreas mecanizadas no município de Balsas – MA.
 Fonte: IBGE – Censos Agropecuários no Município de Balsas/MA.

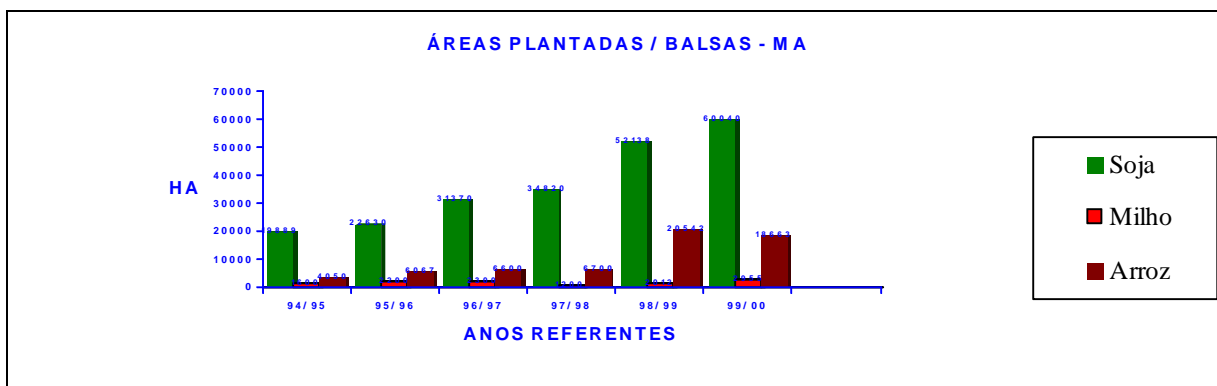


Gráfico 02: Áreas plantadas em ha de 1994/2000.
 Fonte: IBGE – Censos Agropecuários no Município de Balsas/MA

O que se observa é que a de modernização da agricultura na microrregião de Balsas é extremamente segregadora, haja vista que com a chegada da soja às culturas tradicionais deixaram de ser expressivas para a região e o pequeno produtor era engolido pelas grandes propriedades produtoras gerando assim outros problemas sociais como a concentração de terras e êxodo rural como já foi ressaltado no capítulo anterior. São problemas sociais que emergem com o modelo agrário exportador contemporâneo. No quadro abaixo seguem alguns índices sócio-espaciais dos municípios da microrregião das Gerais de Balsas, no sul do Maranhão:

MUNICÍPIO	Índice de Degradação (ID) (%)	Índice de Pobreza (% de pobres)	Índice de Gini de Concentração da Terra	Mão-de-obra ocupada para 100 hectares
Alto Parnaíba	92,52	69,33	0,8252	2,0
Loreto	90,90	79,50	0,9258	6,5
Tasso Fragoso	91,53	75,84	0,7540	2,2
Fortaleza dos Nogueiras	88,84	81,53	0,6727	7,8
Riachão	88,47	80,61	0,7744	6,7
S. Raimundo das Mangabeiras	81,93	73,41	0,9225	5,6

Balsas	88,22	69,59	0,7082	4,2
--------	-------	-------	--------	-----

Quadro 02: Índices de degradação, de pobreza e de gini de concentração da terra e capacidade fixadora de mão-de-obra para os municípios localizados no pólo Sul do Maranhão.

Fonte: Lemos, 1999 e Lemos, 2000. (Destaque nosso, para as cidades que estão dentro da região em análise).

A concentração de terras no sul do Maranhão é apresentada como um dos principais fatores sociais apontados com a modernização da agricultura. Segundo (Lessa, 2001): “Houve uma redução no número total de estabelecimentos agrícolas de 2.154 (1970) para 1524 (1995), principalmente nos estabelecimentos com tamanho inferior a 10 ha ou a propriedade muito pequena”.

Sendo assim o processo de modernização da agricultura no sul do Maranhão é promotor de profundas mudanças na região que vão desde a inserção do capital através da técnica e da ciência tornando a região um importante pólo produtor de grãos até problemas sociais como a concentração de terras e o êxodo rural que levaram o pequeno produtor sufocado pelas grandes propriedades a venderem suas propriedades tendo que viver nas cidades ou trabalhando de assalariado nas grandes fazendas. Porém os conflitos não são apenas de ordem econômica, mas também cultural como apresentaremos no próximo capítulo.

Territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Sul do Maranhão

A chegada do “gaúcho” ao sul do Maranhão trouxe novas nuances para a região, já que trouxeram consigo uma cultura territorial desigual àquele recorte regional do nordeste.

Com a apropriação deste território os “gaúchos” manifestam sua identidade regional em meio à cultura nordestina local e se manifesta no (des) encontro de distintas culturas. Nessa direção podemos nos reportar a (Raffestin, 1993, p. 160), quando nos lembra que: “A vida é tecida por relações, e daí a territorialidade poder ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade - espaço - tempo”. Ainda em consonância com este autor “o território se forma a partir do espaço” e está cheio de relações vividas, onde os atores se apropriam concreta ou abstratamente deste espaço de acordo com seus interesses e o

território é “um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a” prisão original “, o território é a prisão que os homens constroem para si”. (Raffestin, 1993, p. 143).

Castro (1992, p. 33) pondera que essas relações de poder, que são vivenciadas dentro do espaço, podem, sob o amparo do poder público, “inibir ou estimular identidades regionais assim com forjá-la”. Sendo assim a chegada do “gaúcho” ao sul do Maranhão manifesta a origem de uma nova territorialidade estimulada pelo poder público, na apropriação de um espaço nordestino. Com isso são duas culturas que se (des) encontram, de um lado o “gaúcho” com sua identidade regional transferida com seus hábitos e costumes ao sul maranhense e de outro o nordestino com sua cultura regional e sua produção ainda na forma tradicional.

O que acontece com o “gaúcho” quando chega ao nordeste de características diferentes das encontradas em sua região de origem, como a paisagem, o cotidiano, as manifestações culturais, sentem um desejo de torná-las e adequá-las com seu modo de vida e “constrói-se nos cerrados nordestinos um espaço completamente distinto daqueles elaborados pelos antigos proprietários” (Haesbaert, 2002, p. 376).

O modo de vida do nordestino passa a perder seu valor, suas manifestações culturais, seus costumes, seu modo de vida são depreciadas, a modernização imposta por esses novos atores nessa direção funciona como fator de impacto para a comunidade local, o modo de vida local precisa se adaptar ao ritmo da nova conjuntura sulista, existe uma perda de território uma “desterritorialização”. Nessa direção e em conformidade com Rogério Haesbaert (2002) vemos que aos poucos a Microrregião Gerais de Balsas vai se tornando um espaço “destituído de sua história, sem memória, transformando de repente numa espécie de não-lugar – espaços não – históricos, não relacionais e não-identitários” (p.380). Resguardando-se alguns focos de resistência.

A paisagem foi transformada com o plantio da soja, o “gaúcho” transforma então o território nordestino com características sulistas e “tenta intervir na construção de novas identidades e novos territórios” (Haesbaert, 2002, p.381).

Sendo assim o que acontece para o sul do Maranhão é uma projeção de origem econômica, cultural e até mesmo geográfica, pelos sulistas originando o que Haesbaert, chama de

“novo” nordeste.

A despeito disso, revela-se na região alguns conflitos entre os sulistas e o camponês nordestino. Conforme Mota & Melo (2004, p. 87):

Confrontando os dois modos de vida, reconhece-se que o imigrante sulista se sente em muitos casos com uma certa superioridade, fato este explicado, até mesmo pela descendência européia que os remete a laços econômicos bem mais sucedidos.

Os migrantes sulistas são colocados numa situação de superioridade em relação a população local, diante a nova conjuntura da modernização agrária, haja vista que é um processo de supervalorização do capital e sua rápida circulação onde o produtor nordestino culturalmente não necessita deste imediatismo, transformando-se nesta nova estrutura como acomodado e preguiçoso.

Verifica-se então que na microrregião Gerais Balsas, o encontro entre as duas culturas, sulista e nordestina é palco de alguns confrontos, já que são grupos sociais bem diferentes. O “gaúcho” procura manter sua tradição mesmo diante de uma região geográfica e culturalmente tão diferente da sua. E de outro lado o nordestino procura manter sua identidade mantendo laços culturais já cultivados antes da chegada de algo que lhes parece tão diferente e distante de sua realidade. Neste caso podemos verificar como uma resistência de sua cultura local as festas de vaqueiro que já “é tradição em Balsas desde há 50 anos, todos os dias 12 de junho, se promover a “missa do vaqueiro”, um dos eventos que ocorre durante o Festejo de Santo Antônio apontado como o que mais agrega gente, tanto da região como de outras localidades do Brasil” (Mota; Melo, 2004, p.35)

Desse modo, este evento possui significados representativos para a população local, já que são cultivados os simbolismos através de manifestação culturais vividas dentro da região.

O que se observa é que a Microrregião Gerais de Balsas, apesar da inserção de uma cultura diferente, procura manter seu tradicionalismo cultural.

Considerações Finais

Na análise feita sobre o Sul do Maranhão, a partir da década de 1970, observamos que uma nova estrutura produtiva foi constituída no município de Balsas Estado do Maranhão bem como em toda a sua microrregião a partir do processo de modernização da agricultura promovidas pelos imigrantes sulistas.

Porém esse processo modernizador da agricultura promovida pelo poder público através de políticas que vislumbram produzir alimentos para exportação trouxe a região não somente um crescimento econômico do campo, mas a diminuição da qualidade de vida de uma parcela expressiva de pequenos agricultores.

Desse modo, o agronegócio atraiu para o sul do Maranhão investimentos para agricultura, porém essa reprodução do capital no campo beneficia apenas pequenos grupos envolvidos com a modernização agrícola em detrimento da pequena produção.

Estes, além de não terem sido contemplados pelos benefícios modernizantes, foram expropriados da terra, onde se assalariar, no campo ou na cidade, era a escolha que se colocava para o trabalhador destituído de terra.

Assim, as mudanças de ordem econômicas e sociais foram verificadas no município de Balsas com o processo de modernização da agricultura. Embora as transformações econômicas sejam mais determinantes e mais visíveis também foram observadas o encontro de duas culturas distintas já que a cultura “gaúcha” foi projetada e imposta frente ao modo de vida nordestino.

Diante do exposto se observa que apesar da região ter se tornado uma das maiores produtoras de soja do país não significa que a população local tenha compartilhado dos lucros dessa exportação nos remetendo a pensar a concentração de renda do país e a incoerência existente entre desenvolvimento econômico da região e sua pobreza local.

Referências Bibliográficas

ASSELIN, V. *Grilagem: Corrupção e violência em terras do Carajás*. Petrópolis: vozes, 1982.

ATLAS do Maranhão/ Gerência de Planejamento e Desenvolvimento Econômico, laboratório de geoprocessamento. UEMA/ GEPLAN, 2000.

BERNARDES, J. A. *As estratégias do capital no complexo da soja*. In: Questões atuais da reorganização do território / Iná Elias de Castro, Paulo César da Costa Gomes e Roberto Lobato Correia (Orgs) 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CASTRO, I. E. de. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

COELHO, N. E. *Histórias do sul do Maranhão: terra, vida, homens e acontecimentos*. Belo Horizonte: editora São Vicente, 1979.

CORRÊA, R. L. *Região e organização espacial*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

FERRAZ, S. *O movimento camponês no bico do papagaio: sete barracas em busca de um elo*. 2 ed. Imperatriz : ética editora, 1998.

FILHO, B. S. *A produção de soja no sul do Maranhão e seus impactos para segmentos camponeses da região*. In: Carajás: desenvolvimento ou destruição? Relatório de pesquisa. Francisco Gonçalves da Conceição e Comissão Pastoral da Terra (orgs). S.L. 1995

HAESBAERT, R. *Des. Territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste*, Niterói: Eduff, 1997.

_____. *“Gaúchos e baianos” no “novo nordeste” entre a globalização econômica e a reinvenção das identidades territoriais*. In: Brasil: questões atuais da reorganização do território / Iná Elias de Castro, Paulo César da Costa Gomes e Roberto Lobato Correia (orgs) 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Agência de Balsas – MA. Censos Demográficos*. Balsas, 2004.

LEMOS, J. de J. S. *“O cultivo de soja no sul do Maranhão: implicações ambientais, sociais e econômicos”*. Pesquisa em foco. São Luís. V.8 n.º 12, p. 19-32, jul / dez. 2000.

MARANHÃO do Sul. Disponível em: <<http://www.maranhaodosul.com.br>> Acesso em 06 de fevereiro de 2004.

MARTINS, J. de S. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Expropriação e violência: a questão política no campo*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

MELO, C. M.; MOTA, L. de A. *A Dinâmica econômica e cultural na cidade de Balsas e em sua região de influência (1980-200)*. Monografia (Licenciatura Plena em Geografia) – Curso de

Geografia. Imperatriz: Universidade Estadual do Maranhão, 2004.

PENNA, M. *Caçando um lugar: a identidade regional no trajeto de exclusão*. Travessia: Revista do Migrante. Vol. 7. n. 19., p. 13-16. maio/ agosto. 1994.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1983.

ROSS, J. L. S. (org.). *Geografia do Brasil*. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, M. *Território, Globalização e fragmentação*. 5 ed. São Paulo: HUCITEC, ANPUR, 2002.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2000.